
CORDÓN-GARCÍA, José-Antonio *et al.* (2013) – Social reading: platforms, applications, clouds and tags. Oxford: Chandos Publishing (Chandos Information Professional Series; 10), 292 pp.

Helder Mendes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2575>

DOI: 10.4000/cultura.2575

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 9 junho 2015

Paginação: 293-296

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

Helder Mendes, « CORDÓN-GARCÍA, José-Antonio *et al.* (2013) – Social reading: platforms, applications, clouds and tags. Oxford: Chandos Publishing (Chandos Information Professional Series; 10), 292 pp. », *Cultura* [Online], Vol. 34 | 2015, posto online no dia 12 julho 2016, consultado a 24 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2575> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.2575>

Este documento foi criado de forma automática no dia 24 setembro 2020.

© CHAM – Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

CORDÓN-GARCÍA, José-Antonio *et al.*
(2013) – Social reading: platforms,
applications, clouds and tags.
Oxford: Chandos Publishing
(Chandos Information Professional
Series; 10), 292 pp.

Helder Mendes

REFERÊNCIA

José-Antonio Cordón-García, *Social reading : platforms, applications, clouds and tags*, Oxford : Chandos Publishing (Chandos Information Professional Series ; 10), 292 pp.

- 1 Fruto da colaboração de quatro autores com ligação à Universidade de Salamanca (José-Antonio Cordón-García, Julio Alonso-Arévalo, Raquel Gómez-Díaz, Daniel Linder), *Social Reading: platforms, applications, clouds and tags* pretende fazer a defesa do conceito e, principalmente, das práticas de leitura social em ambiente digital. E fá-lo apresentando, além da necessária contextualização teórica, efectuada sobretudo no primeiro capítulo, uma série de conselhos e recomendações de plataformas, dispositivos, sítios *Web* e ferramentas, funcionando assim como uma espécie de guia, com utilidade óbvia para os neófitos que sintam algumas dificuldades de orientação neste novo mundo.
- 2 Inevitável é, tendo em conta a rapidez com que se dão transformações neste espaço tecnológico, que algumas das sugestões apresentadas neste livro ficassem desactualizadas ao fim de não muito tempo: a título de exemplo, citamos os casos do Google Reader, aplicação de sindicância de conteúdos que a Google, em 2013, não sem protestos por parte de muitos utilizadores, decidiu descontinuar, Shelfari (sítio de

leitura social que a Amazon, detentora do projecto, decidiu fundir com a Goodreads, outra plataforma que faz parte do portfólio daquele colosso do comércio online), e Readmill, uma das mais interessantes aplicações de leitura digital, adquirida em 2014 pela Dropbox e posteriormente descontinuada. Tais pormenores, quanto mais não seja, demonstram a cautela com que se deve abordar o meio digital, já que as microrevoluções são comuns, resultando num claro obstáculo quando se trata de prever o futuro.

- 3 A tese subjacente a este volume, que teve uma edição electrónica e uma impressa, é a de que as novas tecnologias da informação estão a conduzir a novas formas de escrita e leitura, formas essas que podem afastar-se das tradicionalmente associadas ao livro impresso. Sensatamente, os autores não alinham na discussão espúria *digital vs. impresso*, nem tomam partido por um destes campos tantas vezes vistos como opostos. Aqui, não se trata de saber se a leitura digital é *melhor* do que a feita sobre um livro físico, ou vice-versa; não se opina pela tão propagada *morte do livro*; não se defende que o ebook é o inevitável futuro da leitura. O que é argumentado pelos autores é tão-só isto: ler em ambiente digital e ler no formato impresso constituem duas experiências distintas de leitura. Mas não apenas: devido às suas características, o digital obriga a que, além dos leitores, os habituais intervenientes no ecossistema do livro alterem as suas funções. O comportamento de autores, editoras, livrarias, bibliotecas e outros agentes não é igual nos dois cenários, digital e impresso, e mesmo as formas de realizar negócio são diferentes, precavendo as especificidades de cada meio. Uma parte muito significativa do presente livro, aliás, é dedicada a detalhar o modelo de negócio da Amazon e a tentar analisar o mercado do ebook, onde empresas emergentes convivem com *big players* como a Apple, a Google, ou a já citada Amazon.
- 4 O foco, no entanto, dos autores é procurar mostrar como a experiência de leitura digital pode ser rica, e como poderá sê-lo ainda mais se se tornar social. Mas o que é a leitura social? Ou, mais especificamente, do que se fala quando se fala em leitura social no ambiente digital? À partida, um tal conceito, que conjuga o virtual ao social, poderia apresentar-se como desadequado, porém a chegada da *Web 2.0* e de redes sociais como o Facebook ou o Twitter, entre tantas outras propostas, revelaram como o digital se tornou apto para a sociabilidade. Ora, a implantação destas plataformas, que gerou – ou respondeu a – uma cultura dada à troca, à colaboração e à interacção, acompanhada igualmente do crescimento da oferta de textos digitais (e da maior disponibilidade dos leitores para lhes aceder), conduziu ao surgimento de tentativas de leitura social digital.
- 5 Tal sucede porque, sustentam os autores, o interesse dos leitores em socializar é inerente ao próprio acto de leitura. Há, pois, vontade de discutir e partilhar informação com outros leitores. No mundo físico, offline, esta socialização é, em grande medida, feita presencial e oralmente; as novas tecnologias da informação e da comunicação não fazem mais do que deslocar essa atitude para o mundo virtual. Contudo, se a atitude é a mesma, o modo como se desenvolve já não o é, fruto das evidentes dissemelhanças entre o físico e o virtual. De resto, convirá recordar aqui a famosa formulação de D.F. McKenzie em *Bibliography and the sociology of texts*: “forms effect meaning”. Um texto impresso e um texto digital não se lêem da mesma maneira, e a verdade é que também não se socializa da mesma maneira no mundo físico e no mundo virtual.
- 6 A leitura social em ambiente digital terá, portanto, particularidades que importa conhecer e que são o alvo sobretudo dos capítulos 2, *Reading applications: an analysis* e 5,

Social reading applications: diagnosis and evaluation. Caracteriza-se por ser uma comunicação estabelecida, através da mediação tecnológica, entre leitores, os quais visam partilhar entre si opiniões acerca de um livro, valendo-se para o efeito de procedimentos diversos: anotações, comentários, *tags*, avaliações, citações, recomendações, entre outros, com variados graus de impacto. As ferramentas digitais apresentam, então, formas de os leitores se ligarem aos textos e de se ligarem uns aos outros por intermédio desses mesmos textos. As vantagens, transversais a qualquer modelo de leitura social, independentemente de o contexto ser físico ou virtual, podem resumir-se nesta equação: quantos mais leitores houver para interpretar e comentar uma obra, mais aberta e rica se torna essa mesma obra. A leitura social beneficia, deste modo, o próprio acto de leitura. E não só: a troca de opiniões estimulada pela leitura social reforça nos indivíduos o sentido crítico e a responsabilidade, tornando-os melhores leitores, escritores e até cidadãos (p. 6).

- 7 O que distancia a leitura social digital da tradicional é, como se pode perceber de uma maneira quase intuitiva, o alcance. A leitura social tradicional requer a presença física dos leitores, no mesmo lugar, ao mesmo tempo, e está sujeita ao passa-palavra. Envolve comunidades pequenas e muitas vezes os envolvidos já se conhecem, é dizer, já existe uma socialização prévia. O digital, por seu turno, abre a possibilidade a uma participação global, alargada, que pode ser síncrona ou assíncrona, e feita independentemente do nível de ligação social entre os indivíduos (o qual pode muito bem equivaler a zero, ou seja, estarmos perante perfeitos desconhecidos). Por meio das plataformas de leitura social, um leitor português pode partilhar opiniões acerca do mesmo livro, com, por hipótese, um leitor australiano. Podem recomendar leituras e autores, e estabelecer assim uma conexão que tem por eixo os textos – estes possuem, pois, um valor social. A conexão pode ter lugar tanto nas redes sociais generalistas, por exemplo o Facebook, onde de resto já estão integrados clubes de leitura virtuais, como – e principalmente – em redes sociais, aplicações, sítios e plataformas especializados em livros e leituras, de que Goodreads, LibraryThing, Kobo Reading Life são apenas alguns casos. Este, aliás, não deixa de ser notado como um problema: a proliferação de software, além do hardware (é diferente ler num PC, num e-reader, num tablet ou num smartphone), atomiza os espaços de possível relacionamento e dificulta a escolha.
- 8 A grande questão que se coloca, todavia, é esta, e que já não tem a ver com o alcance, ou extensão, da socialização e sim com a sua *intensidade*. A dúvida é legítima: é da mesma ordem a comunicação entre os leitores? O nível da interacção e da participação é igual para o digital/virtual e para o físico/real? Córdón-García, Alonso-Arévalo, Gómez-Díaz e Linder abstêm-se de realizar uma análise aprofundada deste tema, que implicaria necessariamente um enfoque de cariz sociológico, capaz de captar e comparar as práticas num e noutro ambiente. Mas sempre adiantam (p. 249) que as intervenções dos leitores nas diversas plataformas de leitura social são maioritariamente denotativas e assertivas, em lugar de avaliativas ou contrastantes com opiniões já expressadas, e são precisamente estas, é-nos dito, que na verdade enriquecem o diálogo. Esta diferença quanto à intensidade é relevante e alimenta a sensação de que a leitura social digital, embora possa de facto enriquecer a experiência de leitura e escrita electrónicas (nisto concordamos em absoluto com os autores do presente livro) e constituir-se como uma mais-valia, ainda não é tão fértil e proveitosa quanto a sua análoga não-digital.
- 9 Na realidade, os autores querem fazer crer, talvez com demasiado optimismo, que a leitura social é uma tendência que veio definitivamente para ficar. Este optimismo

domina praticamente todo o volume e só no capítulo final, *By way of an epilogue*, se apresentam algumas reticências, chamando-se concretamente atenção para o *cyberbullying* (que afecta também os autores) e para a atitude exactamente inversa, ou seja, os elogios e as avaliações positivas “compradas” por autores ou editores; para a falta de interoperabilidade entre aplicações; para a ausência de uma integração completa das tecnologias junto dos editores; para a própria complexidade da leitura social digital.

- 10 *Social reading: platforms, applications, clouds and tags* é, opinamos, um texto mais coeso na apresentação da leitura digital, bem como da experiência que o leitor pode esperar obter, do que de essa forma mais particular, a leitura social, que tal como ainda está a ser realizada não parece por enquanto possuir a capacidade para atrair a esmagadora maioria dos leitores, mesmo aqueles já acostumados a ler no ambiente digital. Como, de resto, já referiu Michael Kozlowski, num artigo de opinião com o sugestivo título *Is social reading the future of books? I hope not!*, no qual analisa as funcionalidades mais comuns da leitura social, “*if this is the future of social reading, I elect not to take part in it at all*”. Julgamos que os principais obstáculos à implementação da leitura social em ambiente digital são os seguintes: 1) nem todo o leitor deseja socializar – a alegação, feita por alguns especialistas, de que toda a leitura é social não passa de uma generalização; 2) o grau de socialização através do digital, como se viu atrás, não pode ser comparado com o que é possível fazer no mundo offline, por exemplo em clubes de leitura físicos. Neste aspecto, os benefícios que a leitura social digital pode fazer chegar à leitura e mesmo à sociedade como um todo (como vimos, uma capacidade defendida pelos autores), serão, com toda a certeza, menores do que os benefícios atingíveis quando a socialização é feita tradicionalmente, é dizer, *vis-à-vis*, junto de indivíduos de carne e osso; 3) exigência de competências. Se saber ler e escrever é um primeiro nível de competência necessário à participação, um segundo nível é a destreza na utilização das tecnologias digitais e um terceiro, e mais elevado, nível, é a competência relativamente às funcionalidades sociais disponibilizadas pelas diferentes plataformas, sítios e aplicações.
- 11 Portanto, ainda se está muito longe do “*annoto ergo sum*” (p. 259) que dá o remate a esta muito interessante obra, apesar de certas reservas com que deve ser lida. Talvez os desenvolvimentos tecnológicos venham a consolidar a prática da leitura social, mas ainda há muito a explorar. As possibilidades estão em aberto, mas as limitações são igualmente em grau considerável.

AUTORES

HELDER MENDES

CHAM, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores